

● NA CAPITAL FEDERAL

Protesto em Brasília

Presidente Jair Bolsonaro participa de manifestação antidemocrática

Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro fizeram mais uma manifestação, ontem, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Como de costume, eles voltaram a carregar faixas dizendo “abaixo à ditadura do STF” e “intervenção militar”. Apesar do teor antidemocrático observado na manifestação na capital federal, o presidente eleito foi

até o local e, novamente sem usar máscara, cumprimentou os apoiadores que estavam em frente ao Palácio do Planalto. Jair Bolsonaro estava acompanhado do filho 01, Flávio Bolsonaro, senador pelo Rio de Janeiro.

Após cumprimentar os apoiadores que se aglomeravam ao longo da grade, o presidente ainda montou em um cavalo da cavalaria

O PRESIDENTE BOLSONARO VOLTOU A CUMPRIMENTAR SEGUIDORES SEM USAR MÁSCARA

da Polícia Militar e percorreu novamente o local antes de retornar à residência oficial. Pouco antes da chegada de Jair Bolsonaro à manifestação, um grupo de seguidores entoou gritos de ordem contra o Supremo Tribunal Federal em frente à Corte. “STF, preste atenção, sua toga vai virar pano de chão”, diziam, em uníssono.

Ausente nos protestos de

ontem, em Brasília, a deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP) publicou um atestado médico nas redes sociais para justificar a falta de apoio ao presidente Jair Bolsonaro nas manifestações. “Por incrível que pareça, teve gente para duvidar que eu não tive crise de fibromialgia. Só critica quem não conhece. Está aí o laudo”, postou a deputada.

Comparação com Alemanha

•O decano do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Celso de Melo, comparou o Brasil à Alemanha de Hitler e, em mensagem reservada enviada a interlocutores no WhatsApp, disse que bolsonaristas “odeiam a democracia” e pretendem instaurar uma “desprezível e abjeta ditadura”.

Na mensagem, ele alerta os perigos que a democracia corre no Brasil. “Guardadas as devidas proporções, o ‘ovo da serpente’, à semelhança do que ocorreu na República de Weimar (1919-1933), parece estar prestes a eclodir no Brasil.” O ministro escreve que “é preciso resistir à destruição da ordem democrática” e lembra que Hitler, depois de eleito pelo voto popular, mudou as leis do país para governar sem interferência do Congresso.

O ministro conclui afirmando que “‘intervenção militar’, como pretendida por bolsonaristas e outras lideranças autocráticas que desprezam a liberdade e odeiam a democracia, nada mais significa senão a instauração de uma desprezível e abjeta ditadura militar”.



Montado em um cavalo da PM, Bolsonaro acena para manifestantes em frente ao Palácio do Planalto

Moro: ‘Tão loucos, mas, ainda bem, tão poucos’

•Para o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, não há motivos para temer os atos bolsonaristas. “Tão loucos, mas, ainda bem, tão poucos. O único inverno chegando é o das quatro estações”, escreveu no Twitter. Ao fazer ameaças, ativistas bolsonaristas

costumam repetir em tom de provocação que o país está próximo “de um inverno”.

Ativistas bolsonaristas são alvo de inquérito comandado pelo STF sob suspeita de organização criminosa para divulgar fake news. Uma das li-

deranças e investigada pela Polícia Federal é Sara Winter, 27 anos, que chamou um ministro do STF de “arrombado”. Segundo o ministro Alexandre Moraes, do STF, ela cometeu cinco crimes com suas declarações públicas.

Manifestação macabra

•Os atos antidemocráticos não param. Virou praxe concentração de pessoas (contrariando o isolamento social por conta da pandemia do coronavírus) com faixas contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. No ato de sábado à noite, que mais parecia um filme macabro, bolsonaristas marcharam segurando tochas em frente ao STF, em clara alusão ao grupo supremacista branco Ku Klux Klan, dos Estados Unidos.

A manifestação, que tinha como alvo o ministro Alexandre de Moraes, foi puxada pela blogueira Sara Winter, citada no inquérito das fake news. “A manifestação da Sara Winter demonstra algo que as próprias manifestações de rua têm demonstrado. Há um limite para os blogueiros e quem prioriza as redes virtuais. Esse limite parece estar se revelando, não só pelo número reduzido, mas também pela sustentação de um governo eleito na base de fake news”, avalia Clarisse Rangel, cientista política.

ESTADÃO CONTEÚDO